

**DÊIXIS E MESCLAGEM:  
A EXPRESSÃO PRONOMINALIZADA “A GENTE”  
COMO CATEGORIA RADIAL**

*Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ/CBNB)*

[vivianefontes23@gmail.com](mailto:vivianefontes23@gmail.com)

*Lilian Vieira Ferrari (UFRJ)*

**RESUMO**

A pesquisa enfoca o estudo da polissemia da expressão dêitica “a gente” nos discursos oficiais do ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. O *corpus* para a pesquisa foi selecionado a partir de transcrições de discursos oficiais do presidente Lula, disponibilizados até o final do ano de 2010 no *site* oficial da presidência da República. Este estudo tem como referencial teórico a linguística cognitiva, responsável não só por abrir as portas para a identificação dos diferentes significados que integram a polissemia dos dêiticos, mas também por permitir a investigação dos processos mentais que franqueiam a compreensão de fenômenos dêiticos prototípicos e não prototípicos. Com isso, objetiva-se demonstrar que as características semânticas do dêitico “a gente” refletem uma categoria radial (LAKOFF, 1987) organizada numa escala de prototipicidade (MARMARIDOU, 2000) que vai da referência dêitica mais prototípica (“a gente” inclusivo - eu + você(s)) à menos prototípica (“a gente” exclusivo - eu + outro(s)). Os resultados da pesquisa mostraram que significado dêitico surge do processo de mesclagem conceptual decorrente da interação de informações semânticas e lexicais. Propõe-se, portanto, uma explicação unificada para a estruturação dessa categoria dêitica, com base no modelo dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) e no processo de mesclagem conceptual (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002). Neste sentido, duas importantes generalizações teóricas são destacadas: a categorização radial como organização conceptual do conhecimento adquirido (ROSCH, 1975; LAKOFF, 1987) e a construção do significado por mesclagem conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002).

**Palavras-chave:** Categoria radial. Mesclagem conceptual. Dêixis.

**1. Introdução**

A literatura sobre dêiticos abrange um considerável conjunto de pesquisas sobre pronomes pessoais, tanto no âmbito da análise do discurso, quanto em estudos vinculados à sociolinguística variacionista. Embora ambos os estudos tenham apresentado mapeamentos descritivos detalhados de pronomes pessoais em seus usos discursivos e sociais, o presente trabalho pretende preencher uma importante lacuna descritiva relacionada à caracterização da complexidade semântica desses pronomes. Mais especificamente, nossa proposta é focar a polissemia da expressão pronominalizada “a gente”, com o objetivo de demonstrar que o uso

dessa forma para a indicação de primeira pessoa do plural apresenta uma estrutura semântica bem mais complexa do que o significado “EU + VOCÊ(S)”, que normalmente lhe é atribuído.

Assim, à luz da linguística cognitiva, argumentamos que a estrutura polissêmica do dêitico “a gente” reflete uma categoria radial (LAKOFF, 1987; MARMARIDOU, 2000), e propomos uma explicação unificada para a estruturação dessa categoria, com base no modelo dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) e no processo de mesclagem conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002). No que diz respeito à análise, a pesquisa recrutou dados linguísticos reais, investigando, mais precisamente, a ocorrência da expressão pronominalizada “a gente” em discursos oficiais do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

O presente trabalho está organizado em três seções principais. A seção 2 traz um apanhado teórico relacionado aos estudos cognitivistas sobre categorização (ROSCH, 1975, 1978) e projeções entre domínios (LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, 1994, 1997). A terceira seção menciona os postulados cognitivistas a respeito do fenômeno da dêixis (MARMARIDOU, 2000). A seção 4 apresenta uma análise detalhada dos dados.

## **2. O processo de categorização e a projeção entre domínios**

A linguística cognitiva se apresenta como uma abordagem da linguagem, compreendida como forma de construção do conhecimento sociocultural do homem no mundo. Com base nessa visão cognitivista, postula-se que a linguagem e suas estruturas não constituem entidades autônomas, mas, sim, manifestações de capacidades cognitivas gerais, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. Ou seja, a linguagem é considerada uma parte da cognição que interage com outros sistemas cognitivos tais como percepção, atenção, memória, raciocínio etc.

Com relação ao processo de categorização conceptual, as pesquisas iniciadas por Eleanor Rosch (1975, 1978), no âmbito da psicologia linguística, propõem a noção de *categorias radiais* para justificar a existência de membros intermediários organizados em termos de uma *escala de prototipicidade* entre o núcleo prototípico e as fronteiras categoriais. Portanto, a organização categorial, segundo Rosch, deve abarcar desde

representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes mais periféricos, que constituem efeitos do protótipo e compartilham alguns traços com o núcleo da categoria.

Lakoff (1987), associando a noção de *frame* ao processo de categorização, argumenta que a mente humana é caracterizada e organizada por estruturas de conhecimento formadas pela exposição sociocultural do homem no mundo. De acordo com essa proposta, todo nosso conhecimento de mundo é armazenado em estruturas mentais permanentes denominadas modelos cognitivos idealizados. Tais estruturas também franqueiam a criação de categorias e o estabelecimento de relações/conexões entre elas. Por isso, são os modelos cognitivos idealizados os responsáveis por sustentarem operações que caracterizam o raciocínio humano.

Além disso, postula-se, à luz da linguística cognitiva, que modelos cognitivos idealizados, ao mesmo tempo em que são responsáveis pela categorização do conhecimento adquirido, apoiam espaços mentais que emergem a partir do acesso às suas informações. Essas estruturas transitórias são responsáveis pela projeção de informações, pinçadas dos domínios estáveis (modelos cognitivos idealizados), que funcionando como arquivos provisórios de organização do pensamento em linguagem. Dessa forma, o espaço que ancora o discurso na situação comunicativa imediata (falante, ouvinte(s), lugar e momento da interação) é chamado *Espaço Base*. É a partir dessa *base* que outros espaços são normalmente criados para alocar informações que extrapolam o contexto imediato. Isso acontece porque falamos de passado e de futuro, de lugares distantes, de hipóteses, de arte e de literatura e também de cenários que só existem em nossa imaginação.

### **3. Pesquisas cognitivistas sobre a dêixis**

Os estudos em linguística cognitiva que propõem uma nova concepção dos fenômenos pragmáticos são fundamentais para que se chegue a uma compreensão mais detalhada da função dêitica de certas formas linguísticas não convencionais, ampliando, assim, a visão tradicional sobre o fenômeno, que estabelece limitações categóricas na avaliação dos termos considerados dêiticos.

Marmaridou, em *Pragmatic meaning and cognition* (2000), apoia-se na teoria dos protótipos (ROSCH, 1975) e no trabalho de Lakoff (1987) sobre semântica cognitiva com base na noção de modelo cogniti-

vo idealizado, para determinar que a categoria da dêixis deve acolher não só exemplos prototipicamente dêíticos, como também aqueles casos não tão óbvios, mas que carregam características peculiares do centro da categoria.

Marmaridou propõe que a dêixis seja conceptualizada em termos de um modelo cognitivo idealizado, estruturado com base na hipótese da espacialização da forma e responsável pelo estabelecimento do protótipo da categoria. Assim, tem-se um esquema imagético de CENTRO *versus* PERIFERIA, cuja característica fundamental é a noção de egocentricidade estabelecida a partir das relações de proximidade ou distância com o centro dêítico (“eu”). Tal representação inclui o ato linguístico de apontar uma entidade no espaço. A menção a uma expressão dêítica constrói um espaço mental em que o emissor e o receptor estão correpresentados como entidades no tempo e no espaço. Expressões linguísticas são pistas para a ativação de espaços mentais e para a definição do centro dêítico. A partir da noção de modelo cognitivo idealizado, surge o esquema de *proximidade X distância* que permeia a organização dos usos dêíticos numa escala de prototipicidade, que vai do centro da categoria até as radialidades mais periféricas.

Em síntese, o espaço mental evocado por uma expressão dêítica envolve a conceptualização do modelo cognitivo idealizado dêítico, que possui como entidades<sup>12</sup>-padrão os interlocutores, um lugar e um período de tempo.

Na análise dêítica de pronomes pessoais, Marmaridou não chega a oferecer uma explicação semântica completa sobre a maneira como tais efeitos são conceptualizados, isto é, não esclarece como o significado de cada uso é construído cognitivamente. A autora sugere uma descrição do fenômeno, sem, contudo, detalhar os mecanismos que explicam o processo de construção dos diferentes significados associados aos pronomes pessoais.

#### **4. Análise dos usos da expressão “a gente”**

O objeto de estudo do trabalho é a polissemia da expressão pronominalizada “a gente” em contextos nos quais o termo exerce a função

---

<sup>12</sup> Termo utilizado para identificar os elementos dêíticos constitutivos da cena comunicativa.

sintática de sujeito.

Os dados para a pesquisa foram selecionados a partir de transcrições de discursos oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, disponibilizados no *site* oficial da presidência da República, na seção Secretaria de Imprensa e Porta-Voz (<http://info.planalto.gov.br>) entre os anos de 2002 e 2010.

Visando a uma proposta de categorização da expressão “a gente”, desenvolveu-se um critério de organização radial que tem como núcleo prototípico a referência ao “FALANTE” e ao(s) “OUVINTE(S)” (uso inclusivo). Todos os outros sentidos se destinam a compor as *radialidades* da categoria que se afastam do centro à medida que ocorre a não identificação de uma das entidades-padrão relacionadas no núcleo.

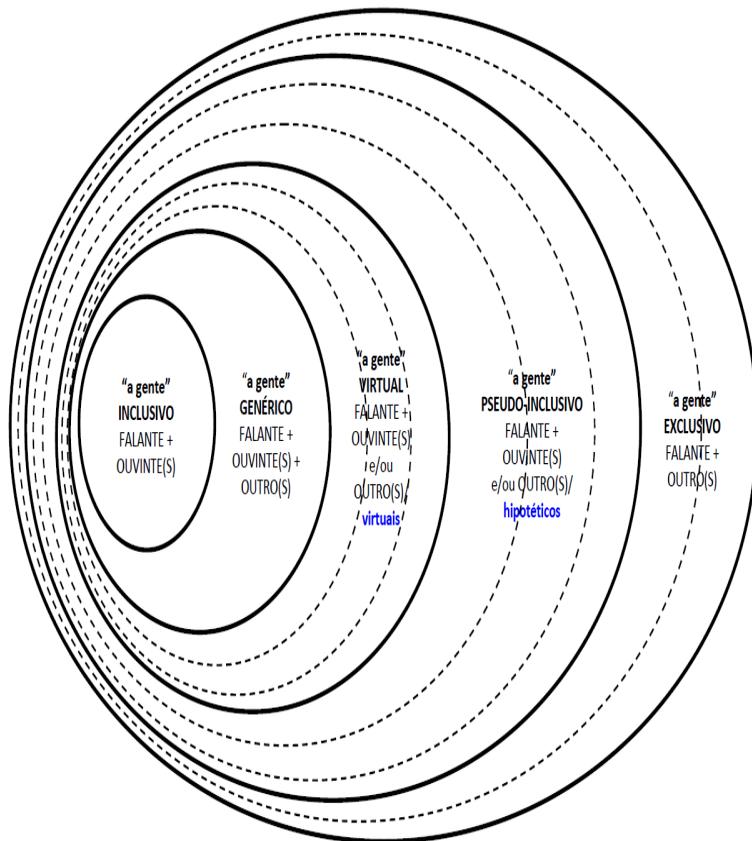
#### **4.1. Proposta de organização categorial para a expressão pronominalizada “a gente”**

A semântica associada às construções gramaticais reflete nossa habilidade cognitiva de conceber eventos de maneiras diferentes; ou seja, a habilidade de projetar perspectivas diferentes a partir de uma mesma forma linguística. No caso da expressão dêitica “a gente”, a perspectivização proporciona a construção de diferentes matizes de significado, organizados numa categoria radial que inclui ocorrências prototípicas e não prototípicas.

Na esteira da proposta de Marmaridou (2000) para a categorização radial dos dêiticos em inglês, os resultados desta análise puderam ser organizados da forma apresentada na **Fig. 1**.

A **Fig. 1** representa a categoria radial formada pelos diferentes sentidos do dêitico “a gente”, partindo do centro da categoria que projeta os elementos relevantes do modelo cognitivo idealizado padrão da dêixis para a referência de 1ª pessoa do plural; as *radialidades* inserem usos que vão numa escala do mais ao menos prototípico. O núcleo da categoria guarda o sentido básico do fenômeno: palavra que indica um falante e seu(s) ouvinte(s), num espaço e tempo específicos. É, portanto, onde se encontra o uso inclusivo. Um exemplo pode ser a sentença usada numa fila de um banco onde alguém pode dizer para os demais participantes da fila: “*A gente já está aqui há duas horas*”. Os demais usos mantêm um grau de similaridade maior ou menor com o centro da categoria. É o que ocorre com o uso genérico que, apesar de manter a referência ao falante e

ao(s) ouvinte(s), amplia sua inclusão para indivíduos que não necessariamente estão presentes na interação. Um exemplo seria a sentença “A gente sabe que ser professor exige muita dedicação”.



**Fig. 1 –**

**Representação referente à categoria radial da expressão pronominalizada “a gente”**

Outras ocorrências de “a gente” indicam usos que contam com apenas parte das características do núcleo da categoria. Nesses usos, o que se verifica é que alguns elementos não são projetados diretamente do modelo cognitivo idealizado padrão da dêixis, mas acionam modelos cognitivos idealizados distintos que irão contribuir para a interpretação dos termos dêicticos. Dentre os usos menos prototípicos, destaca-se o uso

virtual em que o papel dos interlocutores deve ser projetado de um espaço mental alternativo, visto que o modelo cognitivo idealizado padrão da dêixis não comporta a indicação. É o que se percebe no conselho dado pelo pai ao filho em “*Durante todo o ano a gente estuda bastante para entrar de férias mais cedo*”. Tem-se, portanto, um uso que permite aos interlocutores assumir papéis ancorados em espaços mentais que ultrapassam os limites contextuais do evento de fala.

O uso pseudoinclusivo afasta-se ainda mais do núcleo da categoria, promovendo uma inclusão simulada de um ou mais elementos constituintes da referência dêitica de pessoa “a gente”. A pseudoinclusão de ouvinte(s), de outros ou até do próprio falante caracteriza um uso que prescinde de algumas informações básicas pertencentes ao centro dêitico da categoria. Pode-se ter uma sentença como “*Agora a gente vai apresentar os gráficos que comprovam a teoria*” proferida por alguém que é o único responsável pela apresentação dos dados. Assim, por indicar os interlocutores, mesmo que hipoteticamente, esse uso se posiciona numa *radialidade* anterior ao uso exclusivo, que, por sua vez, negligencia completamente uma das características principais do centro da categoria: a referência ao ouvinte. Ou seja, a exclusão do ouvinte na dêixis de pessoa configura um uso periférico, mas que ainda pode permanecer membro da categoria por manter o sentido plural envolvendo ainda um elemento do núcleo (no caso, o falante). Poderíamos citar como exemplo a sentença “*A gente lutou para garantir os direitos dos trabalhadores brasileiros*” dita por alguém que tenha participado de manifestações sindicais no país.

#### **4.2. Mesclagem conceptual na construção dos sentidos da expressão pronominalizada “a gente”**

A expressão pronominalizada “a gente”, por si só, já evidencia um processo cognitivo resultante de integração conceptual por compressão de unicidade (FAUCONNIER & TURNER, 2002), ou seja, na representação da mescla para a 1ª pessoa “a gente”, estão comprimidos os sentidos referentes à indicação de falante, de ouvinte(s) e, em alguns usos menos prototípicos, de outro(s) indivíduo(s) ausente(s) na cena comunicativa. Então, pode-se considerar que a expressão “a gente” configura um elemento dêitico formado pela mesclagem de outros elementos dêiticos cujas referências apontam para 1ª, 2ª e, eventualmente, 3ª pessoa.

Os resultados da presente pesquisa demonstram que, muitas ve-

zes, a interpretação do uso da expressão “a gente” requer também o acionamento de *frames* alternativos, que contribuem para a construção dos diferentes significados do dêitico. Esse fenômeno resulta do fato de que se trata de um discurso oficial ancorado também em um modelo cognitivo idealizado institucional (discurso presidencial), que inclui os papéis de presidente, cidadãos brasileiros etc. Para a composição dos diferentes sentidos ativados por “a gente”, exige-se, nesses casos, a projeção de elementos distintos vindos de modelos cognitivos idealizados variados.

Assim, todos os usos do dêitico “a gente” a serem descritos envolvem processos de mesclagem conceptual, em que se estabelecem correspondências entre espaços alternativos e o modelo cognitivo idealizado prototípico da dêixis.

A seguir, será identificado cada um dos sentidos da expressão pronominalizada “a gente” no *corpus* analisado, detalhando-se o processo de mesclagem ativado em cada caso.

#### *4.2.1. Uso inclusivo*

*Primeiro, eu queria que todos vocês ficassem de pé para que a gente pudesse prestar uma homenagem às vítimas das enchentes no Rio de Janeiro.* (Discurso na cerimônia de premiação da 5ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), Rio de Janeiro-RJ, 06 de abril de 2010).

A interpretação semântica para o uso inclusivo, ilustrado na **Fig. 2**, aciona um espaço alternativo (modelo cognitivo idealizado de discurso oficial) no qual as informações sobre presidente (Lula), plateia (alunos, professores e políticos), tempo (06/04/2010) e lugar (Rio de Janeiro) estão arquivadas. Entre os modelos cognitivos idealizados, surge uma construção abstrata chamada esquema genérico, responsável por reunir as informações sobre indivíduo 1, indivíduo 2, tempo e espaço compartilhados pelos espaços de partida (*inputs* 1 e 2). O modelo cognitivo idealizado padrão da dêixis sustenta toda a operação cognitiva, à medida que estabelece correspondência com o modelo cognitivo idealizado de discurso oficial e possibilita projeção das entidades dêiticas de pessoa (falante e ouvinte) no espaço mental destinado à compreensão desse uso. Assim, a interpretação do sentido de “a gente” inclusivo caracteriza-se pela projeção e fusão, no espaço mescla, das contrapartes referentes às 1ª e 2ª pessoas nos modelos cognitivos idealizados conceptualizados.

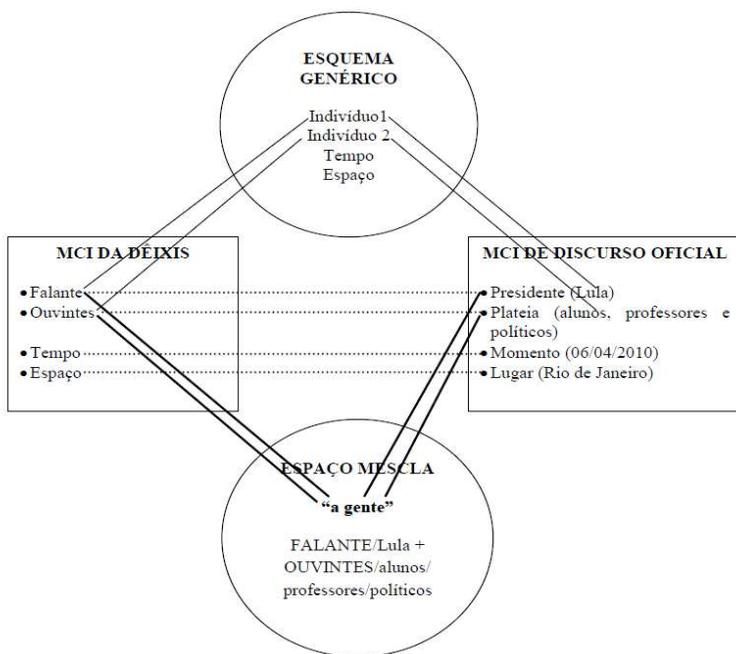


Fig. 2 – Representação referente ao uso inclusivo no exemplo (1).

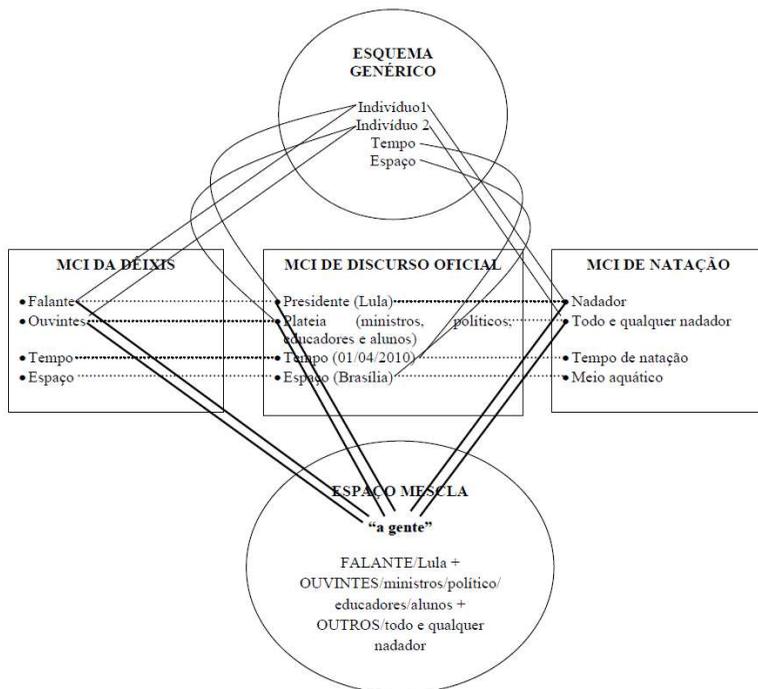
Há, como elementos projetados na mesclagem, as representações de “falante”/“presidente” (Lula) e de “ouvintes”/“plateia” (alunos, professores e políticos). Logo, a integração conceitual revela uma ocorrência prototípica do dêitico cuja descrição semântica aponta para “FALANTE/Lula + OUVINTES/alunos/professores/políticos”.

Embora resultando de dois modelos cognitivos idealizados, os usos aqui podem ser caracterizados como prototípicos, já que falante e ouvinte(s) (e os elementos “presidente” e “plateia”, que lhes correspondem diretamente) são projetados normalmente no espaço mescla, e não há projeção de terceiros nesse espaço. Todos os casos a serem discutidos a seguir fogem, em alguma medida, a esse padrão.

#### 4.2.2. *Uso genérico*

*Quando a gente está nadando... quando a gente entra na água e a gente começa a nadar, quando a gente começa a cansar, a gente, em vez de ir até o final, a gente tenta voltar – apavorado, muitas vezes – sem se dar conta de*

que a volta é mais difícil do que a ida. (Discurso na cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Nacional de Educação, Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 1º de abril de 2010).



**Fig. 3 – Representação referente ao uso genérico no exemplo (2).**

A indicação dêitica do “a gente” na **Fig. 3** afasta-se do centro da categoria, na medida em que, além de indicar o falante e os membros da plateia presentes ao discurso em Brasília, aponta para qualquer outra pessoa que, porventura, tenha passado pela situação de “entrar na água, nadar, cansar, tentar voltar, apavorar-se e perceber a dificuldade desse ato”.

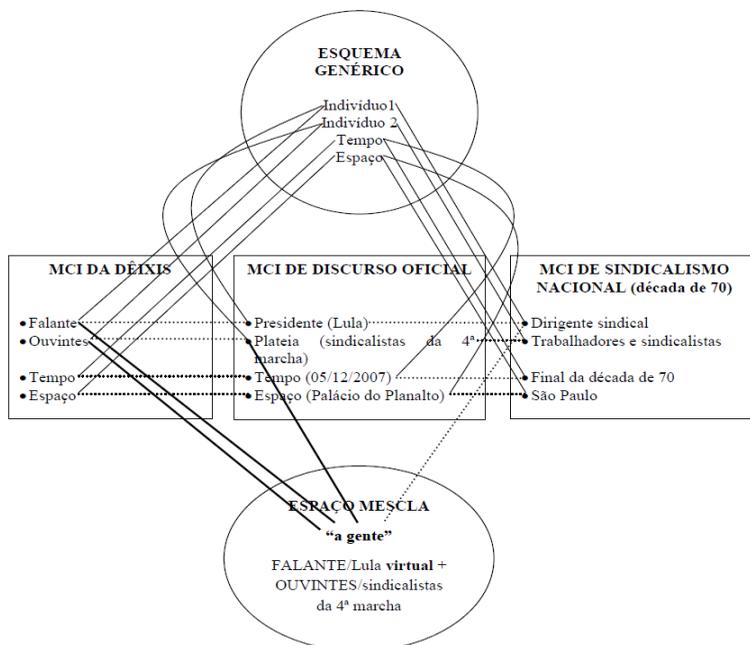
A integração conceptual no diagrama acima apresenta o pronome “a gente” como indicador dêitico de um falante dentro de um grupo com o qual interage. Para a interpretação deste uso menos prototípico, um modelo cognitivo idealizado dêitico é ativado, estabelecendo correspondências com outros modelos cognitivos idealizados análogos: o modelo cognitivo idealizado de discurso oficial e o modelo cognitivo idealizado de natação.

Das correspondências entre os modelos cognitivos idealizados,

um esquema genérico é criado para sustentar a afinidade entre os *inputs* acionados. Como resultado da inter-relação entre os modelos cognitivos idealizados, surge um espaço que reúne informações mescladas dos chamados espaços de partida (*inputs* 1, 2 e 3). Os papéis de “falante”, “presidente” e “nadador”, de um lado, e de “ouvinte”, “plateia” e “nadadores em geral”, de outro, descritos nos *inputs* 1, 2 e 3, são comprimidos na representação de 1ª pessoa do plural “A GENTE”, cuja descrição semântica, nesse caso, é “FALANTE/Lula + OUVINTES/ministros/políticos/educadores/alunos + OUTROS/todo e qualquer nadador”.

#### 4.2.3. *Uso virtual*

*(...) tem um ponto que nos une? É esse ponto que vai nos fazer ir para a rua juntos, é esse ponto que vai fazer a gente ir para ao Congresso Nacional, é esse ponto que vai fazer o presidente da República nos atender.* (Discurso durante encontro com representantes das Centrais Sindicais da 4ª Marcha da Classe Trabalhadora – Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007).



**Fig. 4 – Representação referente ao uso virtual no exemplo (3).**

O diagrama 4 indica que os espaços de partida – *input* 1 (modelo

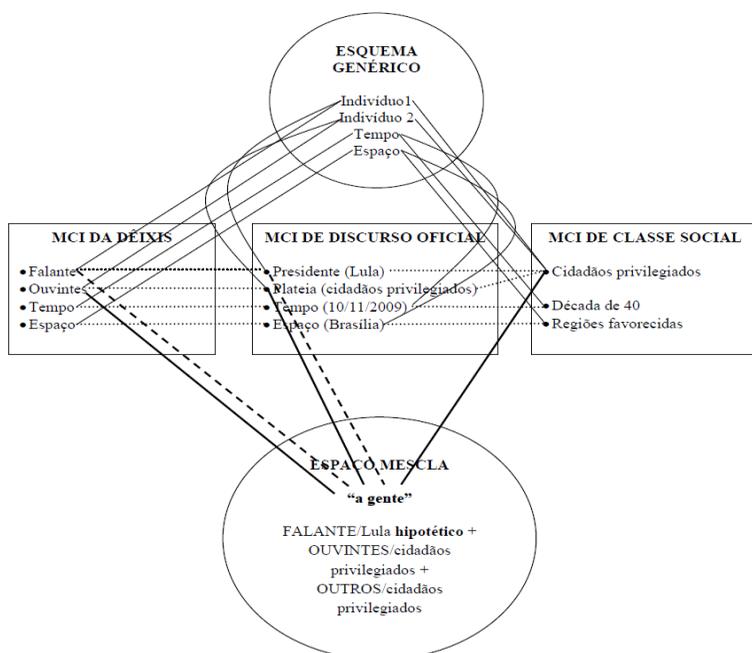
cognitivo idealizado da dêixis), *input* 2 (modelo cognitivo idealizado de discurso oficial) e *input* 3 (modelo cognitivo idealizado de sindicalismo nacional) – têm suas contrapartes associadas, representadas e compartilhadas num esquema genérico. A expressão dêítica “a gente” envolve a projeção no espaço mescla de “falante” e “ouvintes” vindos do modelo cognitivo idealizado da dêixis, “plateia” (sindicalistas da 4ª marcha) decorrente do modelo cognitivo idealizado de discurso oficial e “dirigente sindical” projetado a partir do modelo cognitivo idealizado de sindicalismo nacional no passado. O papel de “presidente”, por sua vez, não é projetado no espaço mescla, o que explica o caráter menos prototípico do dêítico. Neste caso, a 1ª pessoa projetada é uma mescla entre o falante atual (Lula) e sua contraparte como sindicalista no passado. Tanto sua experiência pessoal quanto o conhecimento cultural dos participantes na cena comunicativa contribuem para que a estrutura linguística possa significar muito mais do que indica convencionalmente. Este uso não prototípico possibilita a polissemia da expressão “a gente”, autorizando a interpretação da descrição semântica “FALANTE/Lula *virtual* + OUVINTES/sindicalistas da 4ª marcha” que emerge a partir da operação de mesclagem conceptual.

#### 4.2.4. *Uso pseudoinclusivo*

*Agora, fazer esgoto, que vai embaixo da terra; fazer tratamento de saneamento básico nos lugares mais pobres deste país; colocar guia em sarjeta... Porque a classe rica não sabe o valor de um metro de asfalto. A gente já nasce no asfalto, então... Agora, vá na terra do pobre, que o cara costuma carregar um quilo de barro embaixo do pé para ir trabalhar, quando chove, e faça um asfaltozinho, mesmo que seja uma “piçarrinha”, para ver como ele vai ganhar o reino da alegria.* (Discurso na cerimônia de anúncio de novos projetos financiados pelo FNHIS – Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social – (PAC Habitação), Brasília, 10 de novembro de 2009).

A mesclagem apresentada na ilustração 5 aciona três espaços de partida: modelo cognitivo idealizado da dêixis, modelo cognitivo idealizado de discurso oficial e modelo cognitivo idealizado de classe social. Tais domínios colaboram para a construção de um sentido novo para a indicação dêítica desse tipo de “a gente” pseudoinclusivo, já que sustentam projeções de elementos distintos no espaço da mesclagem. Entre os modelos cognitivos idealizados surgem informações que são emparelhadas e compartilhadas num esquema genérico. No modelo cognitivo idealizado da dêixis, as representações de “falante” e “ouvinte” são selecionadas e projetadas no espaço mescla, sendo a primeira uma projeção vir-

tual. O modelo cognitivo idealizado de discurso oficial contribui com a indicação de “presidente” (como uma representação virtual) e “plateia” (composta por cidadãos privilegiados); a 3ª pessoa provém da referência a “cidadãos privilegiados” do modelo cognitivo idealizado de classe social (referente à década em que o falante/Lula nasceu). A conceptualização do uso pseudoinclusivo se dá a partir da integração, no espaço mescla, dos elementos provindos dos *inputs* 1, 2 e 3. Na interpretação semântica do diagrama 5, observa-se a descrição “FALANTE/Lula *hipotético* + OUVINTES/cidadãos privilegiados + OUTROS/cidadãos privilegiados”. Este tipo de “a gente” caracteriza a penúltima *radialidade* da categoria, pois estabelece referência apenas hipotética ao falante.

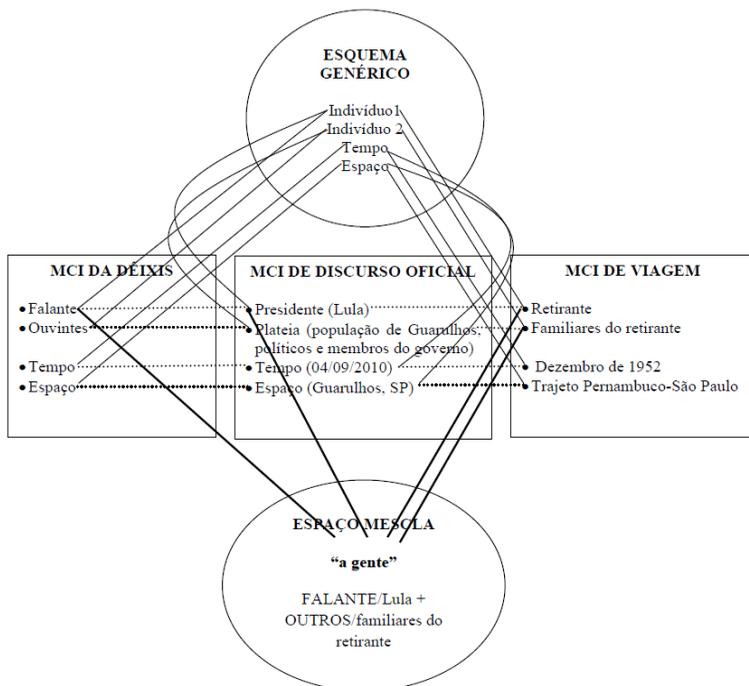


**Fig. 5 – Representação referente ao uso pseudoinclusivo no exemplo (4)**

#### 4.2.5. *Uso exclusivo*

*Então, eu agradeço a Deus, todos os dias, o dia em que a minha mãe pegou um pau de arara – no dia 13 de dezembro de 1952 – e colocou oito filhos dentro, e veio comendo farinha, rapadura e água suja do rio São Francisco, para a gente chegar aqui em São Paulo.* (Registro histórico do discurso em Guarua-

lhos, Guarulhos-SP, 04 de setembro de 2010).



**Fig. 6 – Representação referente ao uso exclusivo no exemplo (5)**

O diagrama 6 apresenta a mesclagem a partir de três modelos cognitivos idealizados distintos: modelo cognitivo idealizado padrão da dêixis, modelo cognitivo idealizado de discurso oficial e modelo cognitivo idealizado de viagem. No espaço mescla, as informações de “falante”, “presidente” e “retirante” vindas, respectivamente, dos modelos cognitivos idealizados da dêixis, de discurso oficial e de viagem são projetadas. Os papéis de “presidente” e “retirante” são emparelhados e, juntamente com a indicação de familiares, são comprimidos na representação de 1ª pessoa do plural (“A GENTE”) na mesclagem. Esse uso exclusivo, por prescindir da referência ao(s) ouvinte(s), encontra-se numa *radialidade* mais afastada do centro da categoria de “a gente”. A descrição semântica para esse exemplo é “FALANTE/Lula + OUTROS/familiars do retirante”.

## 5. Conclusão

Verificou-se, nesta pesquisa, que as teorias linguísticas tradicionais não chegam a explicar usos dêiticos de formas pronominais consideradas não dêiticas. Para investigar essas questões, adotamos o referencial teórico da linguística cognitiva, que oferece possibilidade para a investigação de processos mentais que franqueiam a interpretação da polissemia de fenômenos pragmáticos, como a dêixis.

O processo de interpretação de um dêitico se inicia pelo entendimento usual que temos dele: a expressão “a gente” indica um grupo do qual o falante faz parte. Esse sentido está ancorado no modelo cognitivo idealizado padrão da dêixis responsável por reunir as informações prototípicas a respeito da dêixis – termo que indica um falante e os interlocutores num tempo e espaço específicos.

Quando a comunicação indica participantes externos à interação, faz-se necessário o acesso a outro domínio cognitivo (*input 2*), que fornece informações atualizadas sobre os interlocutores, o lugar e o tempo relativos ao contexto em foco. Entre os domínios de partida, informações são projetadas como contrapartes, fundamentando todo o processo. O significado novo decorre dos elementos vindos dos *inputs* e projetados no espaço mescla. Portanto, a análise semântica dos dados mostrou ser a interpretação polissêmica dos dêiticos dependente de um processo de mesclagem entre domínios conceptuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. Linguística cognitiva: fundamentos teóricos de pesquisas recentes e aplicações interdisciplinares. In: FERRARI, L. (Org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009b, p. 13-26.

\_\_\_\_\_. A construção do sentido. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Linguagem: para a formação em letras, educação e fonoaudiologia*. São Paulo:

Contexto, 2009c, p. 66-71.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_; FONTES, V. F. M. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial. *Revista Linguística* (Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ). Rio de Janeiro: Imprinta, vol. 6, n. 2, 2010, p. 44-63.

FONTES, V. F. M. *O uso dêitico da expressão pronominalizada “a gente”*. 2008. Trabalho final do curso Tópicos Especiais I. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *O caráter perspectivizador da gramática no uso dêitico da expressão pronominalizada “a gente”*. Rio de Janeiro: Trabalho final do curso Introdução à Linguística Cognitiva. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Faculdade de Letras. UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. *Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial*. 2011. Dissertação (de Mestrado em Linguística). – Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MARMARIDOU, S. On Deixis. In: *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (Eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

\_\_\_\_\_; MERVIS, C. Family resemblances; studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, n. 7, p. 573-605, 1975.